Calonge Romano, Isabel & Martinez Ladrón, Juana. Angústia cardíaca y neurótica en Rorschach. *Revista de Psicología General y Aplicada,* Madrid, p. 1 004-15, jul./dic. 1973.

A finalidade deste trabalho foi demonstrar a validade da técnica de Rorschach no diagnóstico diferencial entre a angústia cardíaca e a angústia neurótica.

A amostra era formada por 100 individuos: 50 cardíacos (grupo A) e 50 neuróticos (grupo B). As conclusões do trabalho nos parecem prejudicadas por dois fatores, ao que tudo indica responsáveis, em grande parte, pelas diferenças apresentadas por ambos os grupos.

De um lado o nível cultural era diferente:

O grupo B era composto por indivíduos de cultura superior à do grupo A, que encontrava-se hospitalizado, e seus componentes tinham consciência de serem portadores de moléstia grave e irreversível.

Mesmo que o volume de angústia fosse semelhante em ambos os grupos, a maneira de canalizá-la e sublimá-la é bem diferente para ambos, em função do nível intelectivo. Assim, a percepção positiva das pranchas, no seu aspecto global, é uma característica de bom nível intelectual. De fato, nessa pesquisa os neuróticos apresentam diferença quanto à percentagem de G + %. O número de respostas de movimento humano é também maior no grupo B.

As respostas de forma negativa, principalmente aliadas a conteúdos anatômicos, apresentam-se significativamente em maior número no grupo A, o que parece ser decorrência do nível intelectual inferior nesse grupo e da própria doença, que desenvolve nesses enfermos tendências hipocondríacas e preocupação com o próprio esquema corporal. Este último aspecto é a tal ponto constante que, segundo as palavras das autoras, os cardíacos reagiram assim: "ante la posibilidad de una respuesta de contenido no anatómico exclaman extrañados, por esta posibilidad de ver algo anatómico".

A hospitalização e a doença determinam traços depressivos no grupo A, responsáveis pelo número de respostas mais reduzido, baixa quantidade de vulgares, elevado de respostas anatômicas e grande insegurança, que leva os cardíacos a darem respostas interrogativas em 100%. Por outro lado, na sua maioria, os cardíacos, sentindo-se inferiorizados física e mentalmente, apresentam intensa "crítica do sujeito"; no entanto, nos neuróticos a crítica refere-se ao objeto.

Finalmente, quer-nos parecer que a angústia do cardíaco diz respeito a algo muito concreto: a doença. Dessa forma, mais do que angústia parece tratar-se de medo. Já nos neuróticos a angústia é algo básico, presente em todos os casos, sejam eles portadores de qualquer tipo de neurose.

A parte final do trabalho foi dedicada ao estudo qualitativo dos conteúdos. Esse estudo é sintético, mas criterioso, e contém observações bem feitas a respeito dos conteúdos deformados, simbólicos, das expressões, verbalizações, vacilações e auto-referências (estes últimos, presentes, unicamente, no grupo dos cardíacos). Por sua vez, é o aspecto do trabalho que acusa maiores diferenças entre ambos os grupos.

As autoras concluem o estudo com as seguintes afirmações:

1. Nas doenças cardíacas existe um componente angustioso. 2. A base das neuroses é a angústia. Um grupo de neuróticos (neurose de angústia ou de ansiedade) dá suas respostas correspondentes ao Rorschach. A angústia pode refletir-se nos protocolos; diferentes tipos de angústia podem, inclusive, provocar as diferenças entre o grupo de neuróticos e de cardíacos. Contudo, não existe uma prova de controle que esclareça essa relação de causa-efeito. A angústia está presente na base dos transtornos de ambos os grupos. Os resultados do Rorschach, especialmente os mais freqüentes nos indivíduos angustiados, também estão presentes. A angústia deve ser diferente em ambos os grupos. Os resultados do teste também diferem de um grupo a outro. A partir de um ponto de vista experimental e limitando-nos estritamente aos fatos, é tudo o que podemos afirmar.

Acreditamos que pesquisas complementares que eliminassem as variáveis "nível cultural" e "hospitalização" poderiam enriquecer o trabalho das autoras, permitindo conclusões mais definitivas e esclarecedoras sobre o tema em estudo.

ISABEL ADRADOS